

Morto, doente ou sozinho: a recorrência de desfechos negativos para o homem gay em seis filmes LGBTQIA+¹

João Vitor NUNES²

Damaris STRASSBURGER³

Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC

RESUMO

É possível notar que, recorrentemente, em diversas instâncias da sociedade, tem-se conquistado mais espaços de inclusão para públicos minoritários. Desta forma, um dos aspectos que estão sendo reformulados pela nova geração é o uso do entretenimento e dos meios de comunicação como ferramentas na busca por diversidade. Todavia, a mídia como se apresenta é configurada predominantemente por uma visão heteronormativa, assim, crescemos consumindo filmes, séries, novelas, músicas e todo tipo de material audiovisual voltado para representar o relacionamento entre um homem e uma mulher. A partir disso, a comunidade LGBTQIA+, um desses grupos marginalizados, convive com o esforço para encontrar espaços midiáticos que retratem seus interesses, contando com um repertório cultural menor e em progresso frente ao ideal. Outra problemática seria como tal representação se configura, sendo que no universo de filmes que abordam o relacionamento homoafetivo, em específico o entre dois homens, que foi o foco deste artigo, algo percebido previamente por uma visão do próprio pesquisador, foi o fato que, sim, eles abordam a temática, mas delimitam como deve se encerrar a história para um casal gay. É algo relativamente comum encontrar um filme que aborda a relação amorosa entre dois homens se encerrar com a morte, o diagnóstico de uma doença ou o afastamento de um dos personagens, culminando na separação por conta do preconceito, por exemplo. A partir disso, foi elaborada a seguinte pergunta de pesquisa: Como se configuram, em diferentes filmes que abordam o relacionamento gay, os desfechos que impossibilitam o casal de ficarem juntos? Assim, é de suma importância priorizar que a mídia e o entretenimento procurem abordar os interesses da sociedade, não agindo isoladamente,

¹ Trabalho apresentado na DT - Publicidade e Propaganda do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Acadêmico do 8º período de Publicidade e Propaganda da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina. E-mail: joaonunxs@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho de Iniciação Científica (TIC). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria – POSCOM/UFSM. E-mail: damaris.strassburger@gmail.com

mas sim, como componentes ativos que permeiam a construção cultural e identitária dos indivíduos que os consomem. É nesse sentido que a pesquisa elaborada se propôs, não apenas problematizando o que foi feito, mas percebendo outras possibilidades com as quais temas como sexualidade e gênero podem ser apresentados. Portanto, é vital acompanhar novos caminhos para produções cinematográficas, onde cada vez mais sejam abordados cenários diversificados, buscando incluir e engajar diferentes grupos sociais. Desta forma, a pesquisa elaborada teve como foco a análise de seis filmes produzidos internacionalmente que se configuram dentro da problemática levantada: O Segredo de Brokeback Mountain (2005); Holding the Man (2015); Centro do Meu Mundo (2016); Me Chame Pelo Seu Nome (2017); Jonas (2018) e Seu Nome Gravado em Mim (2020). Definiu-se o objetivo geral da pesquisa como: Refletir como a recorrência de desfechos para os casais gays pode reforçar o preconceito ao normatizar o fim desses relacionamentos. E por conseguinte, os objetivos específicos: 1. Perceber na composição dos protagonistas homossexuais apresentados se existem elementos que os padronizam; 2. Comparar, com base na sinopse, a ideia que é comercializada e o que de fato se apresenta no encerramento da narrativa; 3. Analisar, em cada filme, como a abordagem temática colabora para o desfecho do casal, e se ela auxilia na construção de uma representação positiva. Para a discussão teórica deste artigo dois temas foram essenciais para a sua construção. O primeiro teve como objetivo discutir as problemáticas que compõe os relacionamentos homoafetivos, especificamente, a construção e trajetória do indivíduo homossexual. Dessa forma, as questões de gênero foram discutidas na visão de Butler (2003), Machado (2000) e Louro (2004), no qual esta última também contribuiu para a concepção de heteronormatividade juntamente com Pino (2007) e Moura e Nascimento (2021). Por fim, a homofobia foi abordada também por estes dois últimos, assim como Louro (2004) e Silva (2016). O segundo tema se propôs a conceituar o que é representação segundo Makowiecky (2003) e Santos (2014), assim como a representação social por Santos (1994) e Crusoé (2014). Além disso, também se fez necessário retratar o que é estereótipo e sua ação social a partir de Cabecinhas (2004). Por fim, foi vital relacionar tais conceitos com a cultura da mídia, nesse caso Kellner (2001) foi o autor para este tópico. No que diz respeito à metodologia, a pesquisa se configura como qualitativa com uma abordagem exploratória. O foco da mesma, como abordado previamente, são os seis desfechos

cinematográficos destinados para os casais gays presentes em cada narrativa definida. A escolha dos seis objetos filmicos que compõem o *corpus* da análise se deu pela própria problemática, que focaliza produtos com desfechos negativos, ou seja, em que os personagens protagonistas não ficam juntos no final. Nesse sentido, optou-se por obras que já haviam sido objeto de consumo do próprio pesquisador. A observação e análise da pesquisa se deu pela semiótica francesa conceituada por A. J. Greimas. Pode-se compreender a semiótica como o estudo da significação do texto, com foco em estudar os mecanismos que o engendram e que o constituem como um todo significativo (MATTE; LARA, 2009). Assim, de forma básica, a semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. Todavia o texto não se configura apenas como texto linguístico oral e escrito, mas também visual e gestual (BARROS, 1990). Dessa forma, examina, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global que simula a “geração” do sentido, retratado como o percurso gerativo do sentido (MATTE; LARA, 2009). Sendo que o mesmo possui três níveis: o nível fundamental, o narrativo e o nível discursivo. Para a pesquisa foi utilizado o terceiro nível que conceitua a Semântica Discursiva, visto que este nível busca compreender os valores a partir dos quais foram construídos os textos, o que se enquadra de acordo com o objetivo da pesquisa. Além disso, o mesmo apresenta o percurso temático em conjunto com investimentos figurativos e configura a coerência semântica do discurso que, assim, elabora os efeitos da realidade. Portanto, o elemento da tematização foi o principal agente da pesquisa e da análise, visto que o mesmo é responsável por formular os valores narrativos de modo abstrato e organizá-los em percursos temáticos, os quais oferecem ao discurso a coerência necessária. Assim, “para que um tema seja recorrente em uma narrativa, é necessário que os sujeitos da narrativa sejam convertidos em figuras/atores que desempenham papéis temáticos em um determinado espaço e tempo” (STRASSBURGER, 2016, p. 39). E como recurso da sintaxe discursiva a actorialização foi utilizada na análise dedicada a compreender os personagens da narrativa, visto que a mesma busca compreender os atores do discurso, reunindo elementos sintáticos e semânticos, responsáveis pelo desenvolvimento da narrativa. Assim, os atores desempenham um papel temático e actancial, de acordo com o desenrolar da narrativa (STRASSBURGER, 2016, p. 39). Portanto cabe neste momento, apresentar os

resultados da pesquisa, iniciando pelo dispositivo da actorialização, que teve como foco o estudo dos protagonistas homossexuais e perceber se existem elementos que os padronizam. A resposta é positiva, visto que suas personalidades e modo de agir são perceptivelmente o que os unem. Quanto à análise da sinopse e se a mesma apresenta traços de um encerramento negativo, os achados são múltiplos, porém é nítido que mesmo que as sinopses apresentem traços ligados ao sofrimento do casal, não são o suficiente para elucidar o que irá acontecer e o encerramento apresentado ainda é impactante, sendo necessário assistir os filmes para saber o que se encontra no final do enredo proposto. Partindo para a tematização, que tem como foco perceber se as narrativas colaboram para o desfecho do casal, é possível dizer que sim, afinal, os filmes se inter relacionam em diversos momentos, onde mesmo com épocas e locais diferentes as temáticas de preconceito, homofobia e heterossexualidade compulsória se apresentam como os obstáculos a enfrentar pela maioria dos casais enunciados. Portanto, respondendo ao objetivo geral da pesquisa, podemos compreender que os filmes aqui analisados, em sua maioria, representam e reforçam os ideias negativos ligados à homossexualidade, e assim, ao se abastecer de elementos ligados ao preconceito, tais como a família, a religião e a sociedade opressora, o processo de representação perpassa estes mesmos valores, depreciando o amor vivido pelo casal apresentado. Visando compreender como se configuram os desfechos negativos em geral, que é a pergunta de pesquisa, foi possível perceber que embora as narrativas apresentem locais, épocas, vivências e sociedades diferentes é o preconceito que se iguala e se instaura nas narrativas. Os seis filmes apresentam o término do casal diretamente ligado ao sofrimento que conviveram ao longo do relacionamento (Seu Nome Gravado Em Mim, Holding The Man, O Segredo De Brokeback Mountain), assim como também um acontecimento que surge no final da produção cinematográfica mesmo com um decorrer positivo (Jonas, Centro Do Meu Mundo e Me Chame Pelo Seu Nome). Assim, cabe finalizar afirmando que o presente artigo auxiliou a identificar a evolução ou não da representação positiva para com a comunidade LGBTQIA + ao resgatar e estudar seis produções cinematográficas que pertencem a tal temática, sendo assim possível perceber como a construção de sentido é estabelecida através dos elementos majoritariamente utilizados nestas narrativas quando o foco é representar o relacionamento homoafetivo.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIA+; Desfechos negativos; Semiótica Francesa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 1990

BRASIL DE FATO. **No dia de luta contra homofobia, dados ainda revelam números alarmantes de LGBTfobia**. João Pessoa, PB: Mônica Lourenço, 17 maio 2021. Disponível em:
<https://www.brasildefatopb.com.br/2021/05/17/no-dia-de-luta-contra-a-homofobia-ainda-e-alarmante-os-numeros-de-violencia>. Acesso em: 19 set. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003. 287 p.

CABECINHAS, Rosa. (2004) **Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais**. Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 21-24 de Abril. Disponível em:
<http://bocc.ubi.pt/pag/cabecinhas-rosa-processos-cognitivos-cultura-estereotipos-sociais.pdf>. Acesso em: 03 out. 2021.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM MOSCOVICI E SUA IMPORTÂNCIA PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S. l.], n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3065>. Acesso em: 01 out. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001. 454 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 179 p. ISBN 85.326.1826-6.

MACHADO, Lia Zanotta. **PERSPECTIVAS EM CONFRONTO: RELAÇÕES DE GÊNERO OU PATRIARCADO CONTEMPORÂNEO?**. Brasília, p. 1-20, 1 jul. 2000. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie284empdf.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MAKOWIECKY, Sandra. **REPRESENTAÇÃO: A PALAVRA, A IDÉIA, A COISA**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, [s. l.], v. 4, ed. 57, 1 jan. 2003. DOI <https://doi.org/10.5007/2181>. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2181>. Acesso em: 4 out. 2021.

MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. **Um panorama da semiótica Greimasiana**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em:
<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>. Acesso em: 15 out. 2021.

MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. **O gay afeminado nas**



organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 1, e65840, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/65840>. Acesso em: 24 ago. 2021.

PINO, Nádía Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos.** Quereres, Campinas, SP, ed. 28, p. 149-174, Abril 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/knKyktZNBTwJrkF9dL3zvbB/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2021.

SANTOS, D. V. C. dos. **ACERCA DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO.** rth |, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 27–53, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>. Acesso em: 06 out. 2021.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Representação social e a relação indivíduo-sociedade.** Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 133-142, dez. 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000300013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 out. 2021.

SILVA, Rafael Souza. **Discursos simbólicos da mídia.** Santos, SP: Ed. Universitária Leopoldianum, 2005. 137 p.

SILVA, Sandomar de Angelo da. **História da Homossexualidade e a Influência do Cristianismo no Surgimento da Homofobia.** [S. l.], 12 set. 2016. Disponível em: <http://www.petbio.ib.ufu.br/node/385>. Acesso em: 29 set. 2021.

STRASSBURGER, Damaris. **Produtos televisuais: trajetória e alterações de percurso.** 2016. 297 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.